

ESTUDO E COMPARAÇÃO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO- LEXICAL DA FALA BALSENSE

Autor: Maria Inês Cabral Da Silva; Orientador: Prof. Me. Doutoranda. Marcia Meurer Sandri

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE BALSAS – CESBA

E-mail: inescontabilidade@hotmail.com

A pesquisa e análise dos modos de falar de um grupo nos dão possibilidades de descobrir variantes linguísticas, permitindo a identificação desse grupo social no contexto onde está inserido.

Segundo Tarallo (1994), a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. Por muito tempo somente a escrita foi priorizada pelos estudos linguísticos, ficando a fala em segundo plano.

Com a percepção da necessidade de se estudar a língua em seu contexto social, Antenor Nascentes um dos primeiros a nos alertar para a importância dos estudos da fala, considerado um dos iniciadores da Dialetoлогия no Brasil, dedicou-se aos estudos da diversidade linguística. E em sua primeira obra afirma, “Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822”, (NASCENTES, 1953).

Nascentes (1953), sentia, previa, visava e acreditava que os estudos da diversidade linguística no Brasil iriam alcançar um desenvolvimento bastante significativo. A Dialetoлогия e a Sociolinguística alcançaram um avanço significativo nos estudos sobre a fala, a partir da publicação de resultados de pesquisas de campo em

Em toda comunidade de fala observa-se frequentemente variações das formas linguísticas, que são as variantes, ou seja, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e mesma veracidade.

Partindo da premissa de variação linguística, seja geográfica ou social, pode-se dizer que a população brasileira é composta pela mistura de diferentes povos, com isso o nosso linguajar recebeu influências distintas de línguas indígenas faladas no Brasil colonial, de línguas/dialetos africanos e de línguas faladas por imigrantes de diferentes partes do continente europeu. Portanto, a língua portuguesa falada no Brasil é o resultado da junção de diferentes línguas e como toda língua, teve sua evolução caracterizada através dos tempos. Criada por uma comunidade e passada pelos mais velhos durante gerações, recebeu traços linguísticos característicos das diferentes etnias que se instalaram no território brasileiro e seus descendentes adotaram o português, como língua materna.

Segundo Alves (2007), léxico é o conjunto de palavras que é transmitido às gerações de falantes de uma língua, porém nenhum falante tem o domínio completo do léxico da língua que fala. Isto porque o léxico é muito amplo, e a cada dia surgem novas palavras que a ele se incorporam ou dele desaparecem ou caem em desuso, que são os chamados arcaísmos. Conforme Ilari (2003), ao termo arcaísmo dá-se a ideia de que significa expressões que tendo já sido de uso corrente na língua caíram em desuso, geralmente aparecem mais frequentemente em textos literários.

Devido à grande variação lexical que ocorre no Brasil, as pessoas dão denominações diferentes às coisas, como nome de frutos, bichos, acidentes geográficos, religião e crenças, etc. Desta forma, surgem os denominados neologismos, ou seja, palavras novas ou antigas que adquirem outros sentidos para facilitar a comunicação entre as pessoas. Muitas dessas denominações, seja por empréstimo ou estrangeirismo, neologismo ou arcaísmo, acabaram formando um léxico próprio em cada região do país, o qual costumamos chamar de regionalismo.

O regionalismo ocorre quando há um grupo particular de elementos linguísticos que caracterizam um grupo por meio de seu dialeto, característica essa que se torna uma de suas principais formas de expressões. Essa relação entre falantes e sua

língua nunca é neutra, pois, existe todo um conjunto de sentimentos, de crenças, de atitudes que influenciam em seu modo de falar.

Ao estudarmos uma comunidade linguística, conforme Guedelha *apud* Alkmim (2008, p.33), o primeiro fenômeno que se constata é a variação. Segundo Alkmim, “em qualquer língua, falada por qualquer comunidade, existe sempre variações” e que, portanto, “[...] língua e variação são inseparáveis”. Essa diversidade linguística é uma característica inerente ao próprio fenômeno linguístico, que é observado em qualquer comunidade de fala.

Tomando como base essas afirmações surgiu a curiosidade de investigar os campos lexicais dos falantes da região Sul do Maranhão (Grupo B), mais especificamente os balsenses residentes na zona rural em contraste com a fala dos migrantes da região Sul do Brasil (Grupo A), também residentes na zona rural.

Objetivando comparar as denominações dos campos lexicais, fenômenos atmosféricos, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, alimentação e cozinha, vestuário e acessório, convívio e comportamento social. Essa comparação foi feita com base nas denominações dadas pelos migrantes sulistas com as denominações dadas pelos maranhenses da zona rural de Balsas.

Para embasamento teórico desse estudo de comparação foi tomando-se como apoio os resultados dos questionários semântico-lexicais (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil – ALIB, aplicados aos grupos. Os campos semânticos foram analisados para podermos observar as palavras que os dois grupos usam, associam ou relacionam. Esse estudo foi feito com foco na fala desses grupos, observando seu ambiente natural e contexto inserido.

Foram utilizadas inicialmente três obras básicas na área da Sociolinguística de Molica (2010), Ilari (2003) e Tarallo (1994). Essas e outras obras serviram para esclarecer conceitos e contribuir para o embasamento inicial das ideias acerca do tema abordado.

Foi contínuo o processo de pesquisa bibliográfica para melhor compreensão das etapas de pesquisa e elaboração do projeto. A elaboração do questionário para aplicação junto aos informantes foi uma seleção e adaptação do QSL/ALIB (2014)

tomando como base seus campos lexicais mais adequados à linha de pesquisa desenvolvida. Foram entrevistados oito informantes de ambos os sexos acima de 45 anos, sendo quatro nascidos no Maranhão e quatro nascidos na região Sul do Brasil (migrantes), todos residentes na zona rural de Balsas.

Após a coleta desse *corpus*, foram transcritas as respostas obtidas para tabelas comparativas entre os dois grupos, analisando-se cada campo lexical. Foi necessária e imprescindível a consulta em dicionários e atlas linguísticos para comparar a forma falada dos dois grupos em análise. Foram investigadas as variações semântico-lexicais para melhor compreensão do significado dessas palavras encontradas, e assim saber qual o campo com maior variação, e quais as mudanças ocorridas no léxico desses grupos comparados, e quais as possíveis causas para tais variações. Ao analisarmos a fala dos grupos A e B, é possível notar que há em seu léxico correspondentes processos semânticos, como a polissemia, sinonímia e homonímia.

CONCLUSÕES

Ao ser feita uma análise semântico-lexical dos grupos A e B foi possível perceber uma maior variação no léxico dentre os campos pesquisados, nos campos fenômenos atmosféricos, corpo humano e convívio e comportamento social. A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento da diversidade linguística dos falantes da região sul do Maranhão e verificar similaridades e diferenças tentando-se identificar se trata de regionalismo e de qual região.

Também foi possível verificar uma maior variação no nível morfo-fonológico, o que já era esperado por se tratar de variantes do português brasileiro de grupos de informantes de procedência geográfica distantes, como a sulista e a nordestina. No nível semântico-lexical, recorte que fizemos para analisar os nomes empregados e os sentidos atribuídos ao objeto com base em consultas a dicionários, percebemos já algumas substituições de vocábulos, tanto pelo sulista que assume uma forma regional do Nordeste, como também o contrário, um balsense usando formas mais utilizadas no Sul do país.

Esse processo de substituição linguística se deve a longa convivência entre sulistas e nordestinos na região de Balsas, o que propicia a troca de experiências e usos linguísticos, sendo um processo natural de variantes em contato em um determinado

tempo e espaço. Em determinados campos semânticos a fala minoritária dos migrantes ainda se mantém, certamente, pela pouca convivência diária com a fala nordestina, considerando-se o grau de isolamento por grupos da zona rural, onde o convívio social ocorre mais entre os membros familiares.

Já sobre a substituição do léxico por balsenses, adotando-se nomes oriundos de outras regiões, não é possível afirmar com precisão se há influência direta na convivência com migrantes de outras regiões do país, ou seja, mesmo influência da mídia, como grande aparelho de nivelamento linguístico e cultural presente em quase todas as moradias da zona rural, principalmente, depois do programa de eletrificação rural dos últimos anos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Criação Lexical**. São Paulo: Ática. 2007.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARDOSO, Suzana Alice M. da Silva et. al. **Atlas Linguístico Brasileiro-ALIB**. Vol. 1 e 2. Londrina, Paraná: Eduel, 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.